

# O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM NOVO TEMPO

Paulo Ricardo Bavaresco \*

Andres Ferreira \*\*

## Resumo

Este artigo tem por objetivo descrever e analisar o ensino de História na Educação Infantil. Busca propor reflexões e uma leitura crítica da possibilidade de um novo tempo para a construção desses seres “criança”, enquanto agentes de sua própria história. É curioso como a mente dos homens e mulheres é impregnada de preconceitos e de olhares paralisados, quando o assunto de que se trata é a História. Estes se fecham em uma redoma de passados para não verem a sua frente nenhuma possibilidade, expectativas e/ou desafios. O problema se torna ainda maior quando se tenta trazer à tona o ensino de História às crianças da creche e da pré-escola. Por vezes, ignora-se a importância do ensino de História nessa fase de construção de identidades e de crescimento humano. Na maioria das vezes, há a preocupação com o dia a dia rotineiro, vazio de significados e de emoção. O professor geralmente não percebe que faz parte desse pequeno mundo e que tem responsabilidades na área. A História, portanto, deveria ser uma temática discutida e estudada no cotidiano da Educação Infantil, ocupando um lugar de destaque nas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: História. Educação Infantil. Ensino.

## 1 INTRODUÇÃO

A compreensão que se tem hoje sobre o que é História e qual a sua função na sociedade é bastante diferente daquela entendida pela historiografia tradicional, embora alguns resquícios desta História tradicional ainda possam ser percebidos na sociedade, norteados metodologias de muitos professores. A História deve ser compreendida como ciência, pois representa a transformação humana. Por isso, na formação de professores, é importante o debate teórico (concepções de História) para poder focalizar a educação no contexto do capitalismo atual.

Ensinar História é estimular as crianças a refletirem e fazerem descobertas relacionadas, primeiramente à sua História. A informação pronta e acabada torna a criança um ser passivo em relação ao saber e distante do processo histórico. Para que ela seja participante na sociedade é fundamental que entenda os processos de produção do conhecimento. Segundo Höfling (2003, p. 181),

---

\* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Professor na Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; paulo.bavaresco@unoesc.edu.br

\*\* Acadêmica do Curso de Pedagogia; Professora Estagiária no Centro de Educação Infantil Proinfância Criança Sorriso; andres\_graciella@hotmail.com

O ensino de história mudou muito nos últimos anos e os alunos são considerados participantes ativos na construção do conhecimento. Deve-se estabelecer relações, construir noções de diferenças e semelhanças, de continuidade e permanência. Comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência os conceitos de simultaneidade e tempo/espaço.

Dentro desse contexto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96 em seu Artigo 29 descreve “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” É importante destacar essa etapa da vida das crianças porque é nela que ocorre sua construção enquanto sujeito, a construção das diferentes linguagens e as relações que estabelecem com os objetos de conhecimento, descritos nos Referenciais Curriculares Nacionais. E é no âmbito do conhecimento de mundo que se encontra o eixo Natureza e Sociedade, que é, justamente, onde permeia o ensino de História.

Sabe-se que na educação infantil as crianças ainda não estão alfabetizadas, mas, mesmo assim, deverão, por meio de práticas pedagógicas voltadas à História, vivenciar experiências e interagir com o meio natural e social. Dessa maneira, de forma lúdica, elas se apropriam de conhecimentos sobre o mundo, procurando respostas aos seus questionamentos.

## 2 AS CORRENTES DO PENSAMENTO HISTÓRICO

Para que se possa adentrar no mundo mágico e fantástico das crianças é preciso, primeiramente, compreender alguns quesitos do ensino de História, vinculados aos pressupostos teóricos relativos à sociedade, ao homem e ao processo de conhecimento. O ensino de História está permeado por três correntes de pensamento: o positivismo, o presentismo e o materialismo histórico.

### 2.1 POSITIVISMO

O positivismo concebe o conhecimento como reflexo do objeto ou dos fatos sociais, pois aceita a possibilidade do produto do processo cognitivo ser uma cópia do objeto. O que garante a cópia fiel do objeto é a neutralidade. Conforme Basso (2001, p. 35): “[...] a história, como objeto de estudo, é considerada pelos positivistas como uma estrutura já dada de fatos que, para ser conhecida, basta descobrir, colecionar um grande número de acontecimentos com base em documentos confiáveis.”

Na concepção positivista, o sujeito é apenas um receptáculo, tendo uma atuação passiva. O princípio lógico dessa linha de pensamento enfatiza a ordem, a integração, o consenso e elimina e/ou exclui as tensões e os conflitos. Essa corrente trabalha apenas o pólo positivo, não considerando a negatividade.

A abordagem positivista da História implica uma metodologia de ensino fundamentada, basicamente, na aula expositiva, onde os alunos são ouvintes passivos e contemplativos. O sujeito da aprendizagem é um receptáculo que deve registrar os conteúdos transmitidos pelo professor e reproduzi-los posteriormente do modo mais fiel possível. (BASSO, 2001, p. 36).

Os conteúdos são apresentados como fatos prontos e acabados, não suscetíveis à uma reflexão e interpretação por parte das crianças. Há o pressuposto de que somente se entende o presente a partir dos fatos passados. O passado é importante e faz parte da própria “História”. Porém, poucos representam o passado da forma tradicional ao construir uma narrativa histórica baseada em uma sequência cronológica linear, que se inicia no passado mais remoto e, a partir dele, inventa os acontecimentos que conduziram ao momento que se quer explicar e, até mesmo, justificar. Para não romper essa sequência, detêm-se no passado, não relacionando os momentos históricos estudados com problemas da atualidade.

## 2.2 PRESENTISMO

É uma das escolas da corrente irracionalista que se configurou como uma oposição ao positivismo. A tendência é captar o movimento histórico não mais pela inteligência (razão), mas mediante intuição. O sujeito passa a ter um papel ativo como criador da realidade. Benedetto Croce (1866-1952) foi um dos principais influentes do presentismo. Ele elaborou a sua própria doutrina qualificando como um historicismo absoluto que identifica Filosofia e História. Para Fontana (1998, p. 158) “De todas as modalidades possíveis da história Croce considera que a mais elevada é a que ele batizou como história ético-política: a história da razão humana e de seus ideais resolvendo e unificando nela tanto a história da civilização como do Estado.”

Na realidade, não se pode falar de História no singular, mas sim no plural, em razão sua multiplicidade, pois a História será continuamente reescrita, podendo resultar em histórias diferentes e contraditórias, mas todas verdadeiras do ponto de vista de cada historiador. Portanto, em sua metodologia, a concepção presentista, tem como eixo principal os educandos, pois o fundamental é o seu desenvolvimento.

## 2.3 MATERIALISMO HISTÓRICO

É elaborada no séc. XIX por Marx e Engels. Segundo essa corrente, o homem é o conjunto das relações sociais. Para que se compreenda o papel ativo do sujeito na relação cognitiva são necessários: o indivíduo como ser social e o conhecimento como atividade prática. Esta concepção nega a isenção e a neutralidade das Ciências Sociais. Dessa forma, os homens são considerados os produtores e os agentes da sua própria história. O que resulta na história como produto da atividade do homem. A metodologia de ensino e os conteúdos proporcionam à criança a possibilidade de entender a sociedade em que vive

como histórica, pois ao compreender a sociedade em que vive, poderá ter consciência da sua situação nesta sociedade. A participação ativa da criança significa se tornar sujeito de sua relação com o conhecimento e com o processo de apropriação deste conhecimento. A criticidade é um modo de relação com a informação.

O ensino de História mediado pela concepção histórico-social possibilita ao aluno situar e entender a sociedade na época atual, apreendendo o seu movimento, a sua historicidade. Relacionando com questões do presente, professores e alunos procuram entender o passado e outras realidades em espaços diferentes sob a luz da crítica da nossa sociedade. Só quando entendemos criticamente a sociedade burguesa, isto é, quando a entendemos como histórica é que podemos compreender as sociedades anteriores, o passado. (BASSO, 2001, p. 45).

### 3 O PROFESSOR E O ENSINO

A História é produto da atividade do homem e não se pode deixar de representar o passado, porém, sem desqualificá-lo, destacando como os homens sempre buscaram alternativas para vencer os desafios que enfrentavam. É preciso compreender que o conhecimento histórico é uma construção de vários sujeitos. Pode-se iniciar esse entendimento por intermédio do cotidiano das crianças, oferecendo-lhes a possibilidade de se perceberem como sujeitos da sua história. Embora sejam crianças, possuem em seu interior um arsenal de capacidades invejáveis. Elas tomam consciência do mundo de maneiras diferentes a cada etapa do seu desenvolvimento.

É de grande importância o educador nesse processo, ou seja, ele é uma figura central nesse cenário e precisa conhecer os pressupostos e características teóricas da disciplina em questão. E ainda, ter clareza da concepção teórica que adota, conforme explicitado anteriormente.

[...] a formação teórica do professor na área de conhecimentos em que atua torna-se fundamental, devendo merecer mais atenção no currículo dos cursos de graduação. Essa formação é requisito fundamental para que ele possa atuar com autonomia, superando o espontaneísmo e/ou uma certa ingenuidade calcada no senso comum. Aquilo que ele ensina somente se tornará conhecimento emancipador para seus alunos se for resultado de um processo onde ambos utilizam o conhecimento de forma autônoma como instrumento para compreensão e/ou transformação do contexto histórico-social. Esse é um pré-requisito essencial para que seja possível desenvolver a consciência política desse professor, capacitando-o a uma ação transformadora. Não se muda o que não se conhece. (MONTEIRO, 2001, p. 21)

A escola é espaço de construção de conhecimento e de reconstrução das experiências em um processo de socialização com vistas à emancipação. Nesse sentido, o professor deve estar constantemente envolto com a pesquisa. O conhecimento histórico é repleto de incógnitas e a pesquisa revela diferentes verdades. Compreender o cotidiano da sociedade é estar atento às análises do presente e suas explicações pelo passado.

## 4 A CRIANÇA E O CONHECIMENTO

Em seus primeiros anos de vida a criança constrói conhecimentos práticos, com vivências e ações do seu dia a dia na creche ou na pré-escola e também, é claro, no convívio com a família. Suas representações e noções sobre o mundo estão diretamente associadas aos objetos concretos da realidade conhecida, observada, sentida, experimentada e vivenciada.

Sabe-se que quanto maior a variedade de experiências pelas quais a criança passar, maior será o processo de reconstrução propiciando, assim, mudanças positivas na estrutura de pensamento e linguagem. Por isso é importante, enquanto educadores, adentrarmos nesse “pequeno mundo” do faz de conta e possibilitar, por meio do brincar, que as crianças possam refletir sobre o mundo, construir novos significados, adquirir conhecimentos sobre si mesma, sobre outras pessoas, sobre lugares, formular hipóteses e questionar.

Não se pode andar às escuras, pensando que as ações não precisam de direção e sentido. É preciso ter objetivos e alicerces sólidos para o bom desempenho do processo de ensino-aprendizagem.

Na verdade, as aulas de História são um espaço privilegiado onde a leitura de mundo, que cada aluno faz, mesmo que de forma bastante incipiente, calcada no senso comum, seja ampliada e criticada num processo em que ele deve ser considerado pelo professor um interlocutor ativo. (MONTEIRO, 2001, p. 25).

Por meio da Proposta Curricular de Santa Catarina (1998), nessa fase escolar de educação infantil, o conhecimento histórico deve se centrar na autoidentificação da criança e dos membros de suas relações próximas. Assim, trabalhar o nome da criança e as razões que permitiram esta nomeação iniciará um processo de descoberta de momentos de sua vida onde os adultos, mediante narrativas, descrevem o passado. A descoberta de momentos em que os outros decidem e valorizam a criança introduz uma dimensão de presente e passado que não poderá ser apropriado nessa fase escolar, mas que engendrará as dimensões de um tempo a ser descoberto. As histórias infantis podem servir de instrumento para que a criança reflita sobre tempos desconhecidos. Os procedimentos pedagógicos devem garantir também a compreensão do antes e do depois; do próximo e do distante; e da dimensão temporal de semana, mês e ano.

A Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) aponta alguns procedimentos, mas cabe ao professor o desafio de ir em busca e se utilizar de sua criatividade para que possa implementar um aprendizado significativo para seus alunos. Há muitas formas de fazer com que a criança se sinta a vontade com a disciplina de história, basta apenas paciência, comprometimento e determinação.

Acredita-se que o tempo da “decoreba” de datas e fatos tenha virado a página para um novo tempo, um tempo em que professores e alunos escrevem sua própria história, e que é possível, sim, iniciar na educação infantil. Para isso basta pesquisar, querer e ousar.

O grande desafio que se apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal que parece estar empolgando corações e mentes. É preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade ou nostalgia. (KARNAL, 2010, p. 19).

Vale enfrentar esse desafio, pois este é o papel da escola e, em particular, do ensino de História. Não ensinar verdades prontas, mas levar os alunos a refletirem sobre os múltiplos e contraditórios olhares que fazem parte de sua vivência e de sua formação, para que possam, autonomamente, apropriar-se com criticidade destes e pensar na sua atuação social e política.

É preciso construir nos professores e alunos uma visão histórica que ajude a entender que o passado contém as sementes do futuro. Não somente de um futuro predeterminado e inevitável, mas de toda uma diversidade de futuros possíveis. E que um desses futuros poderá se tornar dominante.

Esse caráter imprevisível do futuro tem sido [...] a origem de boa parte de nosso desânimo e de nosso desconcerto. Não deve ser assim, mas sim que temos de aprender a construir com ele uma esperança que nos anime, neste tempo em que se generalizou uma nova série de profecias, negativas e sombrias com o objetivo de recobrar a confiança [...] (FONTANA, 1998, p. 279).

Pensar e repensar a História é tarefa de todo professor, da educação infantil ao ensino superior, embora não seja tarefa fácil, mas se deve tentar dedicar-se a esse exercício. À medida que professores se tornam capazes de observar e analisar o nosso contexto histórico estarão menos susceptíveis às mentiras e aos enganos. Com essas experiências poderemos reunir forças para construir um novo mundo. Um mundo onde as crianças possam trilhar caminhos seguros, com esperança e certeza da construção de uma sociedade justa e igualitária. Como diz Fontana (1998, p. 280) “Estamos colocados frente a um grande desafio e nós professores, não temos o direito de impedir que as crianças comecem o mundo de novo.”

## 5 CONCLUSÃO

É preciso acabar com a visão deturpada e empobrecida que se tem a respeito da História e adequar o olhar às exigências de um novo tempo. As escolas, infelizmente, parecem ter esquecido sua parcela de responsabilidade na formação humana das crianças.

Precisamos, urgentemente, causar espantos de sabedoria e conhecimento com os pequenos, trabalhar no sentido da sua emancipação enquanto um artista consciente que desenha seus próprios caminhos, ladrilhando com magnitude sua própria história.

A missão com o ensino de história na educação infantil vai muito além do senso comum. Portanto, os pressupostos teóricos que norteiam nossa prática não podem ser

abstratos e fragmentados, isolados do contexto social. Devem conter em sua essência o conhecimento enquanto instrumento de compreensão e/ou transformação do contexto histórico-social, em um verdadeiro relacionamento ativo e crítico com o patrimônio cultural da humanidade.

Em hipótese alguma deve-se esquecer que os objetivos que permeiam a educação infantil são de aprendizados, convivências, experiências, integrações, socializações, enfim, que possamos permitir que o pó mágico da fantasia se espalhe enfeitando a todos com muita luz, alegria e saber. Se o professor quer e deseja que suas crianças sejam seres humanos de transformação, deverá ser ele o primeiro exemplo de humanidade, transformação e mudanças.

## REFERÊNCIAS

BASSO, Itacy Salgado. As concepções de História como mediadoras da prática pedagógica do professor de História. In: DAVIES, Nicholas. **Para além dos conteúdos no ensino de história**. Rio de Janeiro: Access, 2001.

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

DAVIES, Nicholas. **Para além dos conteúdos no ensino de história**. Rio de Janeiro: Access, 2001.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

HÖFLING, Maria Arlete Zülzke. As páginas de História. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 60, p. 179-188, ago. 2003. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 24 jul. 2013.

FONTANA, Josep. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru: Ed. EDUSC, 1998.

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História: das dificuldades e possibilidades de um fazer. In: DAVIES, Nicholas. **Para além dos conteúdos no ensino de história**. Rio de Janeiro: Access, 2001

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado de Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

